

Riqueza e Estima em Adam Smith e Jean-Jacques Rousseau

Julia Fleider Marchevsky

Mestranda na Universidade de São Paulo – Departamento de Filosofia

Resumo

O objetivo desse artigo é mostrar como as obras de Adam Smith e Jean-Jacques Rousseau têm importantes semelhanças, principalmente no que tange à estima como uma importante motivação para o progresso da sociedade. Embora Smith é reconhecido como um dos mais áduos defensores da sociedade comercial e Rousseau um dos seus principais críticos durante o século XVIII, ambos apresentam argumentos muito semelhantes sobre o funcionamento dessa sociedade.

Introdução

Uma comparação entre Adam Smith e Jean-Jacques Rousseau, em um primeiro momento, pode não parecer das mais óbvias. Apesar de ambos terem vivido no século XVIII e compartilhado de muitas amizades em comum, inclusive figuras ilustres como David Hume, a visão associada a cada um em relação à sociedade comercial é muito dispare: enquanto Smith é reconhecido como um dos maiores defensores dos avanços da sociedade comercial, Rousseau pode ser considerado um dos seus maiores críticos. Para somar às dificuldades, Smith e Rousseau não trocaram correspondências e provavelmente não se conheceram, a despeito dos círculos em comum¹.

Um forte indício da presença de motivos para se tentar estabelecer conexões entre as obras dos dois autores é uma carta de Smith para a edição da *Edinburgh Review*² de maio de 1756. Na carta, o autor descreve brevemente e elogia o cenário intelectual francês do século XVIII, enaltece a iniciativa da Enciclopédia francesa³ e nomeia filósofos como Diderot, d'Alembert, Voltaire e, inclusive, Rousseau. Smith argumenta que a excelente tradição da filosofia inglesa, de autores como Hobbes, Locke, Mandeville Shaftsbury e Hutcheson é melhor recuperada pelos franceses do que pelos próprios ingleses. A obra *Discurso sobre a Origem da Desigualdade dos Homens* (abreviadamente, *Segundo Discurso*), escrita por

¹ Rasmussen, D. *The Problems and Promise of Commercial Society – Adam Smith's Response to Rousseau*. 2008, p. 3-5.

² Revista escocesa publicada entre 1755 e 1756, editada por Alexander Wedderburn, amigo de Smith, com o objetivo de publicar, a cada seis meses, os principais trabalhos realizados na Escócia no semestre anterior. Ver *Introduction to the Contributions of the Edinburgh Review*, in *Philosophical Essays*, Glasgow Edition.

³ Smith adquiriu os primeiros 5 volumes da *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, publicados em 1755, para a biblioteca da Universidade de Glasgow. Ver 4ª nota de rodapé da *Letter to the Edinburgh Review*, in *Philosophical Essays*, Glasgow Edition. 1980.

Rousseau, é o principal exemplo explorado por Smith, pois a obra conteria tanto influência da tradição inglesa, principalmente de Mandeville, quanto originalidade⁴.

Ao final da carta, Smith traduz três trechos do *Segundo Discurso* e faz mais um breve comentário. Os trechos se remetem, de um modo abrangente, às críticas da sociedade comercial, mas também ao tema da riqueza e da estima, enfoque deste trabalho. O fato de Smith ter dado tanta atenção às críticas de Rousseau levanta a questão de o quanto essas críticas teriam influenciado o filósofo escocês. O tema da estima como motivação da acumulação de riquezas é bastante explorado tanto por Smith quanto por Rousseau em suas obras de maior porte, como na *Teoria dos Sentimentos Morais* e no *Discurso sobre a Origem da Desigualdade dos Homens*, respectivamente⁵.

Que Smith foi influenciado pelas leituras de Rousseau é um ponto em que diversos autores concordam. A maior parte das discordâncias está no quanto a visão de Smith se distanciaria ou se aproximaria do filósofo genebrino. O objetivo deste trabalho não é investigar o quanto Smith foi, de fato, influenciado ou não por Rousseau, mas a partir de uma breve análise sobre a riqueza e estima nos dois pensadores, demonstrar como o processo da acumulação de riquezas pode ser interpretado de formas distintas: um processo que continua até hoje.

Riqueza e Estima em Smith e Rousseau

A terceira seção da primeira parte da obra *Teoria dos Sentimento Morais*, intitulada *Dos efeitos da prosperidade e da adversidade sobre o julgamento dos homens quanto à conveniência da ação; e porque é mais fácil obter sua aprovação numa situação mais que em outra*, é importante por conter críticas de Smith à sociedade comercial. Nela, o filósofo escocês explicita que a principal motivação para se acumular riquezas não é a necessidade de mais bens, mas o desejo supérfluo e fútil dos ricos por atenção, os quais empregam trabalhadores apenas para satisfazer tais desejos. Smith esclarece que a satisfação trazida meramente pela utilidade de um bem não é suficiente para motivar a acumulação de riquezas, mas apenas aquilo que se irá denominar de estima:

Ser notado, servido, tratado com simpatia, complacência e aprovação, são todos os benefícios a que podemos aspirar. É a vaidade, não o bem-estar ou o prazer que nos interessa. Mas a vaidade sempre se funda sobre a crença de que somos objetos de atenção e aprovação. O homem rico jacta-se de sua

⁴ SMITH, A. *Letter to the Edinburgh Review*, in *Philosophical Essays*, Glasgow Edition. 1980, 6 – 9.

⁵ SMITH, A. *Letter to the Edinburgh Review*, in *Philosophical Essays*, Glasgow Edition, 1980. 10-17.

riqueza, porque sente que naturalmente isso dirige sobre si a atenção do mundo[...]⁶

A natureza do homem em simpatizar com a alegria frente à relutância de simpatizar com o sofrimento está no cerne da origem da ambição e da distinção social, pois sua consequência é a tendência do enriquecimento querer ser compartilhado, enquanto o empobrecimento e as dificuldades financeiras serem escondidas da sociedade a todo custo. Na segunda parte do *Discurso sobre a Origem da Desigualdade dos Homens*, Rousseau também elucida que a principal motivação para enriquecer em uma sociedade não é a necessidade de adquirir bens, mas é o desejo de acumular riquezas em comparação ao outro. A opinião dos outros possui uma importância fundamental em uma sociedade civilizada, o que leva as pessoas estarem preocupadas não com a essência de suas atividades, no caso, a aquisição de mais dinheiro, mas principalmente com a aparência, ou seja, o aumento da estima perante à sociedade:

Por outro lado, o homem, de livre e independente que antes era, devido a uma multidão de novas necessidades passou a estar sujeito, por assim dizer, a toda natureza e, sobretudo, a seus semelhantes dos quais num certo sentido se torna escravo, mesmo quando se torna senhor: rico, tem a necessidade de seus serviços: pobre, precisa de seu socorro, e a mediocridade não o coloca em situação de viver sem eles. É preciso, pois, que incessantemente procure interessá-los pelo seu destino e fazer com que achem, real ou aparentemente, residir o lucro deles em trabalharem para o seu próprio. Isso faz com que seja falso e artificioso para uns, e, para com outros, imperativo e duro, e o coloca na contingência de iludir a todos aqueles de que necessita quando não pode fazer-se temer por ele ou não considera de seu interesse ser-lhes útil. Por fim, a ambição devoradora, o ardor de elevar sua fortuna relativa, menos por verdadeira necessidade do que para se colocar acima dos outros.⁷

Os trechos citados revelam alguns pontos de convergência entre Smith e Rousseau, como a motivação do enriquecimento por meio ilusórios, por um prazer de gerar riquezas que estaria em uma satisfação aparente, principalmente voltada para adquirir atenção e aprovação da opinião dos outros. Os dois filósofos apresentam ideias semelhantes sobre o processo de enriquecimento ser impulsionado pela estima, pela vaidade, e não pela necessidade de adquirir bem úteis. Inclusive, ambos discutem sobre a utilidade de bens que são considerados necessários, mas que poderiam ser considerados supérfluos ou triviais para o homem.

Um dos pontos mais importantes que os dois autores ressaltam é como a ambição e o valor considerado pela estima em relação à riqueza fazem os homens apreciar mais aqueles

⁶ SMITH, A. *Teoria dos Sentimentos Morais*. 1999, p. 60.

⁷ ROUSSEAU, J.J. *Discurso sobre a origem da desigualdade do homem*. In: Os Pensadores, vol. XXIV, p.273.

com dinheiro do que aqueles com virtude. Os dois pensadores destacam que uma grande consequência, talvez a maior, da desigualdade econômica, não seja o fato de uma pessoa ter mais bens do que outra, mas da desigualdade política que advém das diferenciações de renda e status.

Tanto Smith quanto Rousseau ressaltam que a riqueza corrompe a moral dos homens e isso pode dar a entender que os dois filósofos condenam, igualmente, a acumulação. Porém é importante destacar pontos de divergência entre os dois pensadores, pois ambos não avaliaram o processo de enriquecimento da mesma forma. Enquanto Smith considera a ambição como parte de um sistema que beneficia a todos, gerando uma abundância compartilhada por ricos e pobres, mesmo que com certa desigualdade⁸, Rousseau associa a acumulação à miséria e à corrupção da humanidade.

Para compreender a relação entre riqueza e estima nos dois filósofos, ira-se resgatar alguns conceitos que são importantes em suas análises sobre o processo do enriquecimento, principalmente aqueles que os distinguem, como na existência de um estado natural, o papel da opinião, os bens que podem ser considerados supérfluos e os efeitos da divisão do trabalho. Primeiro, debruçara-se sobre a importância do estado natural e do papel da opinião.

A opinião do outro adquire importância, na visão de Rousseau, conforme o homem sai de seu estado natural e caminha para um estado civil. Uma característica fundamental do pensamento de Rousseau, expressa no *Segundo Discurso*, é a passagem do estado natural para o estado civil. No estado natural, o homem vive de forma independente e autônoma, não estabelece relações de dependência com seus semelhantes e sua preocupação se concentra apenas em uma sobrevivência imediata. Importante destacar que o homem, em seu estado de natureza, não vive em um estado de guerra, para Rousseau, como até observa Smith na carta para *Edinburgh Review*⁹, pois a piedade¹⁰, natural aos homens, evitaria que os seres humanos se prejudicassem uns aos outros deliberadamente e sem necessidade.¹¹

Em Smith, o papel da opinião já está destacado logo no início da obra *Teoria dos Sentimentos Morais*, no qual se explicita que o homem se interessa naturalmente pela sorte dos outros. O homem, nesse caso, seria naturalmente sociável, ou seja, estaria na própria

⁸ O tema da igualdade em Smith é, no mínimo, muito espinhoso. Por isso, não adentraremos nesse assunto com mais profundidade.

⁹ SMITH, A. *Letter to the Edinburgh Review*, in *Philosophical Essays*, Glasgow Edition, 1980. 11.

¹⁰ “Falo da piedade, disposição convenientes a seres tão fracos e sujeitos a tantos males como o somos; virtude tanto mais universal e tanto mais útil ao homem quando nele precede o uso de qualquer reflexão, e tão natural” In: ROUSSEAU, J.J. *Discurso sobre a origem da desigualdade do homem*. In: Os Pensadores, vol. XXIV, p.270 e 271.

¹¹ ROUSSEAU, J.J. *Discurso sobre a origem da desigualdade do homem*. In: Os Pensadores, vol. XXIV, p.270 e 271.

natureza da espécie humana a vontade de se aproximar de seus semelhantes. Importante destacar que o filósofo escocês compreende na natureza do homem a capacidade de se solidarizar tanto com a dor quanto com a felicidade alheia, capacidade que ele denomina de simpatia¹².

A maior fonte de prazer do ser humano para Smith é a percepção da simpatia mútua, isto é, uma solidariedade de um observador com as ações de um terceiro. Uma pessoa sente um grande prazer ao perceber seu sentimento sendo compartilhado por outras pessoas, desde o gosto por um livro até o ressentimento frente a uma ofensa. A adequação de uma paixão equivale julgar os sentimentos como proporcionais às causas perante a um determinado padrão imaginário, um espectador imparcial¹³. Assim, Smith descreve que “o homem que se resente das ofensas que me infligiram, e nota que me resinto exatamente da mesma maneira que ele, necessariamente aprova meu ressentimento” e cita a importância do tempo também no mecanismo da simpatia no exemplo: “O homem cuja simpatia tem o mesmo ritmo [time] da minha dor só pode admitir que minha infelicidade é sensata¹⁴”. Uma pessoa apenas simpatiza com o sentimento de um terceiro se consegue acompanhar seu ritmo.

Interessante perceber como Smith vai contrapor seu conceito de simpatia a um conceito de piedade que, além de outros autores como Mandeville, se assemelha ao conceito apresentado por Rousseau. De acordo com Rasmussen, há quatro importantes diferenças entre a piedade de Rousseau e a simpatia de Smith: primeiro, a simpatia se corresponde com qualquer sentimento e não apenas com o sofrimento; segundo, a simpatia seria um mecanismo, enquanto a piedade um próprio sentimento; terceiro, a simpatia se concentra nos sentimentos do espectador, enquanto a piedade estaria relacionada ao sentimento de quem estivesse sofrendo, e por último, a simpatia é mais forte nas sociedades civilizadas, enquanto a piedade o é no estado de natureza.¹⁵

Para Smith, o mecanismo da simpatia se fortalece conforme o enriquecimento da sociedade aumenta, pelo menos até o ponto em que a sociedade torna-se civilizada. Ao contrário de Rousseau, para quem o sentimento da piedade torna-se cada vez mais fraco

¹² “Piedade e compaixão são palavras que com propriedade denotam nossa solidariedade pelo sofrimento alheio. Simplesmente, embora talvez originalmente sua significação fosse a mesma, pode agora ser usada, sem grande impropriedade, para denotar nossa solidariedade com qualquer paixão.” In: SMITH, A. *Teoria dos Sentimentos* Morais. 1999, p. 8.

¹³ O espectador imparcial para Smith é um padrão de referência imaginário para os indivíduos se comportarem com base nas regras sociais. O espectador imparcial é uma média do que se considera ser os julgamentos e opiniões dos demais.

¹⁴ TMS, p. 15.

¹⁵ RASMUSSEN, D. *The Problems and Promise of Commercial Society – Adam Smith’s Response to Rousseau*. 2008, p. 62-63.

conforme a sociedade civil avança. Tal diferença auxilia a explicar o porquê de Smith, apesar de concordar que ambição por riquezas leva à corrupção da moralidade dos homens, acredita que a abundância, mesmo gerada pela ambição, contribui para o aperfeiçoamento da sociedade. Um dos principais exemplos que o filósofo escocês fornece é o infanticídio¹⁶, o qual se torna cada vez menos frequente em sociedades civilizadas. Devido a característica da simpatia de ter uma correspondência mais ampla, com a alegria inclusive, a aquisição de coisas belas, por exemplo, permite a muitos ficarem contentes, não apenas os seus donos, mas também o espectador¹⁷. Já Rousseau, percebe o processo de enriquecimento da sociedade como um processo de decadência, no qual o homem natural vai sendo corrompido e perdendo o sentimento de piedade, sentimento responsável pelas virtudes do homem e de reconhecer o sofrimento do semelhante.

O sentimento que prevalece no estado natural, na visão de Rousseau, é o amor de si mesmo (*amour de soi*, em francês). O amor de si mesmo está relacionado à satisfação das necessidades físicas e ao próprio instinto humano. Ele se contrapõe ao amor próprio (*amour-propre*, em francês), o qual é um sentimento que compreende a satisfação de necessidades morais, isto é, envolve a opinião dos outros. De acordo com a interpretação de Rasmussen, enquanto o amor de si mesmo estaria ligado apenas a bens absolutos como segurança, saúde e prazer, o amor próprio, em contrapartida, estaria associado a bens comparativos, como o dinheiro e a acumulação de bens supérfluos.¹⁸

Para efeito de comparação, vale destacar um belo e simples exemplo de Smith quanto ao relógio. A utilidade de um relógio está em simplesmente mostrar quais são as horas para uma pessoa não perder compromissos, mas uma pessoa que aprecie a máquina do relógio deseja sempre um relógio mais moderno, mesmo que um relógio menos moderno, o qual tenha que dar um pouco mais de corda por dia, teria exatamente a mesma utilidade que o outro.

Em um primeiro momento, pode parecer haver uma convergência entre as duas ideias, pois ambos estão realizando uma contestação daquilo que é superficial. Mas há uma diferença muito grande, por que para o filósofo genebrino, tudo que está para além do estado de natureza pode ser considerado supérfluo, isto é, tudo que não está relacionado com a subsistência imediata pode ser chamado de supérfluo, enquanto para Smith, parece ser aquilo que não tenha alguma utilidade, no sentido de comodidade, como um relógio melhor que

¹⁶ SMITH. A. *A Riqueza das Nações*. 2013, p. 2.

¹⁷ SMITH. A. *Teoria dos Sentimentos Morais*. 1999, p. 220.

¹⁸ RASMUSSEN. D. *The Problems and Promise of Commercial Society – Adam Smith's Response to Rousseau*. 2008, p. 62-63

cumprir a mesma função que outro relógio menos desenvolvido. Talvez seja possível fazer a seguinte comparação: para Smith, o relógio tem sua utilidade enquanto marca as horas, mas um relógio que seja produzido apenas por que pessoas querem ter um relógio mais desenvolvido ou mais caro é um efeito da ambição dos homens e uma trivialidade, por outro lado, esta trivialidade está gerando uma riqueza que pode ser convertida para toda sociedade. Já para Rousseau, no estado de natureza não seria necessário um relógio, pois não se teria compromisso com outros.

As circunstâncias levam aos homens tanto a saírem do estado de natureza quanto a optarem por uma diferenciação do trabalho, e, posteriormente, a uma divisão do trabalho, o que acarreta em uma maior dependência entre semelhantes, na visão de Rousseau, pois o homem passa a precisar do outro para adquirir aquilo que é necessário a sua sobrevivência. A dependência se transfigura em desigualdade. Um dos trechos traduzidos por Smith ilustra esse movimento¹⁹:

[...] enquanto só se dedicarem a obras que um único homem podia criar, e a artes que não solicitavam o concurso de várias mãos, viveram tão livres, sadios, bons e felizes quanto o poderiam ser por sua natureza, e continuaram a gozar entre si das doçuras de um comércio independente; mas, desde o instante em que um homem sentiu a necessidade do socorro de outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com a colheita.²⁰

Conforme o homem passa a depender do outro para adquirir os bens que ele deseja, o homem passa a ser refém do interesse pessoal alheio para satisfazer suas próprias vontades. Assim, cada um deve se mostrar ao público segundo convir para agradar a opinião do outro e não como se é. De acordo com a interpretação de Starobinski, a estima estabelece uma relação de consciência para consciência entre os homens, uma relação que deve ser de transparência entre as finalidades das respectivas ações, mas que a introdução de trocas e de mercadorias entre os homens demarca uma relação de opacidade, de aparência, por causa da dependência que se impõe na sociedade para se adquirir bens que são necessários à sobrevivência.²¹

Ao contrário de Rousseau, Smith vê na divisão do trabalho um ganho de independência entre os homens, pois a dependência estaria muito associada à servidão feudal,

¹⁹ SMITH, A. *Letter to the Edinburgh Review*, in *Philosophical Essays*, Glasgow Edition, 1980. 11.

²⁰ ROUSSEAU, J.J. *Discurso sobre a origem da desigualdade do homem*. In: *Os Pensadores*, vol. XXIV, p.270 e 271.

²¹ STAROBINSKI, Jean, *Transparência e Obstáculo*, 1994, p. 35.

e conforme os traços de servidão se quebram, a partir das relações comerciais, os homens se tornam mais independentes:

Nada tende tanto a corromper a humanidade como a dependência, enquanto a independência ainda aumenta a honestidade das pessoas. O estabelecimento do comércio e das manufaturas, que acarreta nessa independência, é a melhor *police* para a prevenção de crimes.²²

Interessante perceber como Smith e Rousseau estão preocupados com a independência do homem, porém o primeiro acredita que o processo da divisão do trabalho faz com que o homem deixe de depender da benevolência de um senhor feudal e passe a ser dependente do interesse próprio, seja do padeiro ou do açougueiro, mas não de favores. Já o segundo, ao realizar um paralelo com o estado de natureza, argumenta que o homem torna-se muito mais dependente ao estar sujeito aos interesses de seus semelhantes.

Em síntese, para Rousseau, a busca de riqueza na sociedade acarreta em relações baseadas na aparência e opacas e em um grande incentivo à corrupção e à trapaça. A riqueza diminui a presença do sentimento da piedade²³, assim como intensifica a desigualdade. Vale destacar que não apenas desigualdade econômica, mas a desigualdade econômica intensifica a desigualdade política, o que talvez seja ainda mais grave para Rousseau: uma pessoa ter mais poder que a outra sobre o destino de todos.

A riqueza, por mais contraditório que seja, traz a miséria, na visão de Rousseau, pois o homem não faltava nada que fosse necessário a sobrevivência do homem em seu estado de natureza, porém já na sociedade civil, a riqueza leva a instituições de leis para assegurar a propriedade, e acaba por criar aqueles que não possuem acesso à propriedade, dando assim origem à miséria:

Conclui-se, ainda, que a desigualdade moral, autorizada unicamente pelo direito positivo é contrária ao direito natural sempre que não ocorre, juntamente e na mesma proporção, com a desigualdade física – distinção que determina suficientemente o que se deve pensar, a esse respeito, sobre a espécie de desigualdade que reina entre todos os povos policiados, pois é manifestamente contra a lei da natureza, seja ela qual foi a maneira por que a definamos, uma criança mandar num velho, um imbecil conduzir um sábio, ou um punhado de pessoas regurgitar superfluidades enquanto à multidão falta o necessário.²⁴

²² SMITH, A. *Lectures on Jurisprudence - Report dated 1766*. 1978, 204-206. (tradução nossa)

²³ assim as usurpações dos ricos, as extorções dos pobres, as paixões desenfreadas de todos, abafando a piedade natural e a voz ainda fraca da justiça, tornaram os homens avaros, ambiciosos e maus. p. 274

²⁴ ROUSSEAU, J.J. *Discurso sobre a origem da desigualdade do homem*. In: Os Pensadores, vol. XXIV, p.288.

Smith, apesar de realizar críticas à sociedade comercial, não a compreende como um processo de decadência moral, corrupção e miséria, mas de uma forma distinta, percebe a chegada da sociedade civil como um período em que a abundância é desfrutada, mesmo que não exatamente de forma equitativa, por toda a sociedade, seja ricos ou pobres. A abundância permite um avanço do comportamento moral e uma intensificação do mecanismo da simpatia, além de um aumento da independência entre os homens por meio da divisão do trabalho. Mesmo que a motivação da riqueza seja estimulada pela ambição por bens que não tenham uma utilidade, mesmo que os ricos empreguem devido a motivos egoístas triviais, o sistema ordena a sociedade de uma forma que coincide com o interesse da própria sociedade:

Os ricos apenas escolhem do monte o que é mais precioso e mais agradável. Consomem pouco mais do que os pobres; e a despeito de seu natural egoísmo e rapacidade; embora pensem tão somente em sua própria comodidade, embora a única finalidade que buscam, ao empregar os trabalhos de muitos, seja satisfazer seus próprios desejos vãos e insaciáveis, apesar disso dividem com os pobres o produto de todas as suas melhorias. São conduzidos por uma mão invisível a fazer quase a mesma distribuição das necessidades da vida que teria sido feita, caso a terra fosse dividida em porções iguais entre todos os seus moradores; e assim, sem intenção, sem saber, promovem os interesses da sociedade, e oferecem meios para multiplicar a espécie.²⁵

Apesar da ambição por riquezas ser um importante motor para adquirir a abundância necessária para a sociedade civil, Smith reconhece que a valorização do dinheiro traz prejuízos para a sociedade, principalmente no que concerne à corrupção dos sentimentos morais, pois ao se estimar demasiadamente a riqueza, pode-se depreciar outras virtudes, o que culmina em uma indesejável desigualdade política, a qual deveria ser evitada. Tanto pobres quanto ricos deveriam ser reconhecidos por suas virtudes e ações, e não por suas riquezas e posições na sociedade.

Na quarta parte da obra *Teoria dos Sentimentos Morais*, intitulada *Do Efeito da Utilidade sobre o Sentimento de Aprovação*, o trecho “transformando as rudes florestas naturais em planícies (*plains*) agradáveis e férteis”²⁶ se assemelha muito a um trecho do *Segundo Discurso*, também traduzido por Smith²⁷. Os editores da *Glasgow Edition*, a partir de uma sugestão de H.B. Acton, defendem que Smith estaria, provavelmente, contestando a

²⁵ SMITH. A. *Teoria dos Sentimentos Morais*. 1999, p. 226

²⁶ SMITH. A. *Teoria dos Sentimentos Morais*. 1999, p. 225

²⁷ Na carta para Edinburgh Review o trecho aparece como: “and the vast forests of nature were changed into agreeable plains” (SMITH, Letter to the Edinburgh Review;13), já na obra *Teoria dos Sentimentos Morais* o trecho segue como: have turned the rude forests of nature into agreeable and fertile plains” (SMITH, *Teoria dos Sentimentos Morais*, IV.i.10).

opinião de Rousseau, pois a continuação do trecho é muito diferente no *Segundo Discurso*²⁸ e na *Teoria dos Sentimentos Morais*²⁹. Ambos reconhecem o processo civilizatório, mas enquanto um enfatiza as vantagens dele, o outro destaca seus maiores prejuízos.

Estes trechos conseguem ilustrar muito bem como as posições de Smith e Rousseau divergem sobre a riqueza. Os dois filósofos distinguem que a ambição é o motor do enriquecimento e que isso gera a corrupção da moralidade. Mas Smith percebe a ambição não como positiva, mas como válida, no sentido que ela possui uma função dentro de um sistema que está sustentando interesses que condizem com os interesses públicos, pois a ambição por riquezas, por mais que ela seja a “maior causa de corrupção dos sentimentos morais”, ela também é responsável por sustentar a ordem estabelecida na sociedade. Já Rousseau destaca que as principais consequências do processo civilizatório e do enriquecimento são a dependência entre os seres humanos, a miséria e a corrupção.

²⁸ “[...]mas, desde o instante em que um homem sentiu a necessidade do socorro do outro, desde que percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade e introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas.” In: ROUSSEAU, J.J. *Discurso sobre a origem da desigualdade do homem*. In: Os Pensadores, vol. XXIV, p.271.

²⁹ É que o primeiro que os incitou a construir a cultivar o solo, a construir casas, a fundar cidades, a fundar cidades e estados e a inventar e aperfeiçoar todas as ciências e artes, que enobrecem e embelezam a vida humana; que mudaram toda face do globo, transformando as rudes florestas naturais em planícies (plains) agradáveis e férteis, o insondável e estéril oceano em nova fonte de subsistência, e na grande via de comunicação entre as diferentes nações da terra. Por causa desses trabalhos humanos, a terra foi obrigada a redobrar sua fertilidade natural, para manter um número maior de habitantes. SMITH. A. *Teoria dos Sentimentos Morais*. 1999, p. 225

3. Considerações finais

Da riqueza produzida hoje, quanto dela gera bens realmente úteis e quanto gera bens meramente por causa da beleza ou *status*? Se Smith já ressaltava a pouca diferença que havia entre relógios que atrasavam cada vez menos, não deve nem ser possível mensurar a diferença prática de um computador para um outro um pouco mais moderno. Em contrapartida, as pessoas sentem vontade de ter o computador mais moderno, devido a estima. Tanto que já se utiliza o termo bem de Veblen.³⁰ Rousseau, apesar de considerar as necessidades para além da subsistência superficiais, sabia que uma sociedade não poderia regredir ao estado de natureza. A sociedade do século XXI, da mesma forma, dificilmente poderia regredir a um estágio em que não houvesse computadores, smartphones e redes sociais.

Esse trabalho permite refletir que ambos os autores concordavam que ter a motivação da riqueza como ambição era um fator que corrompia a moralidade. Mas em pleno século XXI, em um mundo mais demarcado pela exposição da imagem e pelo consumo, a ambição por acumulação de dinheiro deixou de ser vista como um problema, sendo até valorizada.

Os pensamentos de Smith e Rousseau nos fazem pensar até que ponto a ambição pela riqueza pode ser vantajosa para a sociedade. De fato, ainda não se conheceu outro motor de enriquecimento tão eficiente quanto a ambição. Para o filósofo genebrino a ambição por riquezas corrompe a sociedade e não é de forma alguma válida, em síntese: não vale a pena. Já para o filósofo escocês, a ambição pode ser vantajosa enquanto estiver de acordo com o interesse da sociedade, mas de forma alguma ela é positiva, e as diferenciações de posição advindas da renda devem ser combatidas.

Talvez as análises de Smith e Rousseau podem auxiliar em um dos grandes problemas da sociedade do século XXI: como a riqueza e o poder político são associados e como é cada vez mais difícil quebrar essa ligação. A desigualdade econômica, em si, pode vir a ser um problema, mas quando a desigualdade econômica torna-se uma desigualdade de posição na sociedade, o problema torna-se maior ainda.

³⁰ Os bens de Veblen são associados a diferenciação de status, portanto é muito importante que eles tenham preços acima da média. É comum que quando um bem de Veblen diminui seu preço, também caia sua demanda, pois sua demanda estava baseado em seu preço alto. Isto é comum com bens ligados a marcas.

4. Referências

No caso de Adam Smith, a obra de referência foi a *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith*, editada pela *Oxford University*. Também foram consultadas as traduções disponíveis da Martins Fontes, *Teoria dos Sentimentos Morais* e a *Riqueza das Nações*. Nos momentos em que se fizer citação direta e tiver disponível uma tradução, fez-se uso e referência à tradução.

No caso de Jean-Jacques Rousseau, a obra de referência foi a tradução da coleção Os Pensadores do ano de 1973.

5. Bibliografia

Bibliografia Primária:

ROUSSEAU, J.J. Coleção Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. Abril Cultural: São Paulo, 1973.

SMITH, A. *Teoria dos Sentimentos Morais*. Tradução de Lya Luft. Martins Fontes, 1999, p. 226

_____. *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith*. Oxford University Press/Liberty Fund, 6 vols.

Bibliografia Secundária:

DIDEROT, D. & D'ALEMBERT, J. L.R. *Enciclopédia, ou dicionário raziado das ciências das artes e dos ofícios*. 5 volumes. Tradução: Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza (org.). Editora Unesp, São Paulo, 2015.

FLEISCHACKER, S. *A Short History of Distributive Justice*. Harvard University Press. 2004.

HANLEY, R. H. Adam Smith and the character of virtue. Cambridge, Cambridge University Press, 2009.

HONT, I. Politics in Commercial Society: Jean-Jacques Rousseau and Adam Smith.

MIZUTA, H. *Adam Smith's Library: a supplement to Bonar's Catalogue with a checklist of the whole library*. Cambridge University Press, London, 1967.

PACK, S. *The Rousseau – Smith Connection: Towards an explanation of Professor West "Splenetic Smith"*. History of Economic Ideas 8. 2000. p.35-62.

PIMENTA, P. P.. *A imaginação crítica: Hume no século das luzes*. Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2013.

RAPHAEL, D. D. *Adam Smith*. Oxford, Oxford University Press, 1985.

- RASMUSSEN, D. *The Problems and Promise of Comercial Society – Adam Smith's Responde to Rousseau*. The Pennsylvania State University Press. University Park, Pennsylvania. 2008.
- REISMAN, D.A. Adam Smith's sociological economics. New York, Harper & Row Publishers, 1976.
- STAROBINSKI, Jean, *Transparência e Obstáculo*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1994.
- STEWART, D. *Dugald Stewart: Account of the Life and Writing of Adam Smith*. In: SMITH, A. *Essays on Philosophical Subjects*. Indianapolis: Liberty Fund, 1982
- WINCH, D. *An Essay in historiographic revision*. Cambridge University Press, USA, New York, 1978.